

NOITES PASSADAS

Sob um céu de morcegos

Miguel Carvalho



BRUNO PASCAL

Em tempos, tive com as canções de Zeca Afonso o mesmo problema que se tem com as mobílias da família: não gostava que lhes mexessem. Nem para restauro. Há uns anos, quando os Resistência o fizeram, tremi. Receava que as cantigas se banalizassem como uma careta de Che Guevara numa *T-shirt* qualquer ou se escutassem, decorativas, como uma flor na lapela. Talvez tenha acontecido, nuns casos. Mas cedo troquei o acessório pelo essencial: de tão rico e variado, o repertório do Zeca andava mesmo a pedir para ser reinventado, levado em vozes e mãos por novas sonoridades fora.

O que Jacinta fez ao património do nosso cantautor, por um trilha fora das normas – *Convexo* como o nome do disco – prova uma coisa: há vários caminhos para chegar a Zeca, partindo dele. Foi, pois, sob um céu de morcegos atarantados, na concha acústica dos jardins do Palácio de Cristal, no Porto, que Jacinta deu largas ao registo cool jazz, voando sobre um ninho de memórias.

JACINTA

**Concha Acústica
do Palácio de
Cristal, Porto**

23 de Agosto, 22 horas

A princípio, o povo desconfiou. Jacinta andou pé ante pé por velhas palavras, sabendo da religiosidade que encerram, mas já guinando a voz por curvas e contracurvas. Com dois cúmplices sem medo ao piano (Rui Caetano) e na bateria (Bruno Pedroso), ela foi conquistando a convivência do público para o crime perfeito: despentear as canções do Zeca sem beliscar a forma como ele se tornou eterno em corações

habitáveis. *Que Amor não me Engana* foi, talvez, o momento de Jacinta se aperceber que já levava as pessoas pelo peito. Houve então graúdos de lágrima no olho, pequenos com ar de espanto e um vasto regimento do resto do mundo de cara à banda, fora do contexto, mas a querer achar-se nele. Na velha concha onde, outrora, se acotovelaram bandas de música e filarmónicas, Jacinta foi voz cavernosa e doce maternal. E nem os rugidos de três aviões rompendo o céu abalaram a hora e meia de comunhão. No final, Jacinta agradeceu a cumplicidade naquele comportamento desviante. «Obrigado nós!», responderam-lhe, alto e bom som. Obrigado eu.

